PERIODICOS

AGROANALYSIS

GRUPO DE INFORMAÇÃO AGRÍCOLA

VOL. 2 – N.º 6 3 DE ABRIL DE 1978

GOMES FREIRE
11.IV.78
DR-RIO

BRASIL CORREIO
00,50
10 416

0000000237
BIBLIOTECA KARL A BOEDECKER
ESCOLA DE ADM DE EMPRESAS FGV
ATT TANIA RODRIGUES MENDES
AV 9 DE JULHO 2029 10 ANDAR
SAO PAULO SP

EAESP FGV
S.
17 ABR 1978
COPIA
REDEBIDA

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA

GRUPO DE INFORMAÇÃO AGRÍCOLA

AGROANALYSIS é uma publicação do Grupo de Informação Agrícola (GIA) dedicada à análise e previsão dos mercados agropecuários, cuja periodicidade é quinzenal de fevereiro a agosto, e mensal de setembro a janeiro.

COORDENADOR — Paulo Rabello de Castro

QUADRO TÉCNICO E ÁREAS DE INTERESSE

Abastecimento, Tributação, Infraestrutura Rural	—	Ailton Coentro Filho
Insumos Modernos, Meteorologia	—	Bruno M. Rangel Pessanha
Economia Internacional, Feijão	—	Roberto Moreno Moreira
Situação Fundiária e Trabalhista, Política Nacional	—	José Marcos Lemos Fochi
Moeda e Crédito, Cana-de-Açúcar, Mandioca	—	Moema Unis Benevides
Arroz, Café, Fumo	—	Regis N. Cunha Alimandro
Pecuária Bovina	—	Antonio R. Marques Gonçalves
Oleaginosas, Trigo, Metais	—	Fernando R. Freitas Almeida
Serviço de Informações Básicas	—	Francisco A. Fonseca Menezes
Fibras, Processamento Agroindustrial e Agrocomercial	—	Inês Teresa Lyra
Cacau, Fruticultura, Horticultura	—	Itazil F. Benício dos Santos
Milho, Rações, Animais de Pequeno Porte	—	Ivan Wedekin

QUADRO DE APOIO

Documentação	—	Maria Eunice Rocha
Secretaria	—	Maria Dolores G. Fernandez
	—	Maria Beatriz R. Fernandes
	—	Maria do Carmo M. Gomory
	—	Desirée Virgínia Machado
	—	Jorge Martins dos Santos

Agroanalysis. v.1 — „n.1 —; 1977 —
Rio de Janeiro, Grupo de Informação Agrícola
v. ilust. 30cm Quinzenal (fev. a ago.)
Mensal (set. a jan.)

1. Agricultura — Periódicos. I. Grupo de Informação Agrícola

CDU 631(05)

Grupo de Informação Agrícola
Av. Gomes Freire, 647 — 10º — ZC-58
Fones: 232-5001, 232-6827, 232-8678 e 232-2548
Telex: 212-3840 FGVE BR
20.000 — Rio de Janeiro — RJ
BRASIL

BIBLIOTECA KARL A. BOEDECKER
Escola de Administração de
Empresas de São Paulo

AGROANALYSIS

GRUPO DE INFORMAÇÃO AGRÍCOLA

vol. 2 nº 6

3 de abril de 1978

ÍNDICE

PANORAMA AGROPECUÁRIO

Preços no Mercado Externo pág. 2
Preços no Mercado Interno pág. 4
Preços Relativos pág. 6
Fatores de Produção pág. 8

COMENTÁRIOS

Pecuária pág. 10
Agroindústria pág. 10
Feijão pág. 12
Cacau pág. 13
Cevada pág. 14

NOTA DA EDIÇÃO

A apreensão dos processadores mundiais de cacau quanto à disponibilidade e qualidade do produto para o ano de 1978 está refletida nas elevadas cotações do mercado de futuros para primeira entrega. Para os países produtores, e em particular o Brasil, esta situação poderá se traduzir em uma disponibilidade adicional de divisas (ver PREÇOS NO MERCADO EXTERNO E COMENTÁRIOS).

Com igual destaque nesta edição, são discutidas as dificuldades da agroindústria nacional, que, operando com grande capacidade ociosa e com problemas de baixa produtividade, tem problemas de competitividade tanto no mercado interno quanto no exterior.

Em FATORES DE PRODUÇÃO é levantada a necessidade de estudo dos problemas meteorológicos — setor cujo desempenho deficiente dificulta as atividades agrícolas no país. A sistematização de serviços desta natureza impulsionaria o setor agropecuário por meio de previsões de intempéries, bem como através da correta avaliação de danos causados ao setor.

A persistência do elevado preço do boi no mercado interno, num período de início da fase cíclica de retenção de matrizes, repete para este ano o mesmo comportamento verificado em 1970, como ilustra o gráfico que acompanha este comentário. O feijão encontraria, na possibilidade de subsídio, em período restrito e delimitado, a alternativa de não se pressionar negativamente o balanço de pagamentos nem se aquecer a inflação, ao mesmo tempo em que se viabilizaria, neste intervalo de tempo, o atendimento de seus problemas estruturais. Finalmente, a aprovação do Programa de Auto-suficiência de Cevada e Malte permitirá o desenvolvimento, no Sul do país, de uma nova cultura de inverno.

Agroanalysis	*Rio de Janeiro*	*v. 2*	*n. 6*	*pág. 1 a 15*	*abr. 78*

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA

Panorama Agropecuário

GUIA DE LEITURA
Sugere-se que a leitura obedeça a seguinte ordem:
1º – Posição da última quinzena
2º – Comparação percentual com o passado (Posição de um ano antes e Posição de um mês antes)
3º – Comportamento dos futuros
4º – Perspectivas dos próximos 30 dias com seus respectivos fatores ponderáveis.

ATÉ: 27 / 3 / 78

PREÇO / PRODUTO	Posição real* um ano antes	Posição nominal um mês antes	Posição da última quinzena	Posição Real de Futuros 78 78 78 78 79 79 79 mai jul set nov jan mar mai	Perspectivas dos próximos 30 dias	Fatores Ponderáveis
AÇÚCAR RAW MERC.–N.YORK US ¢/lb–peso Fontes: Reuters, Fut.Mark.Services	+ 26%	+ 20%	US¢ 7,60 (mai)	+ 4% / + 14%	➡	.Cotações atingiram nível extremamente baixo. .Possibilidade de aparecimento de vários compradores e um grande vendedor (índia).
ALGODÃO 1-1/16"M-Memphis MERC.–N.YORK US¢/lb–peso Fontes: Reuters, CottonWorldStat.	+ 44%	– 7%	US¢ 56,69	+ 2% / + 4%	↗	. *Target Price* de US¢70 aprovado pelo Senado, depende de OK da Casa Branca. .Grande movimento de exportações nos EUA.
CACAU BAHIA MERC.–N.YORK US ¢/lb–peso Fontes: Reuters, Fut.Mark.Services	+ 26%	– 19%	US¢ 154,91 (mai)	– 4% / – 15%	➡	.Estimativa recente do USDA prevê incremento de 10% sobre a safra mundial anterior, mas há dúvidas. .Desesperadora escassez entre os processadores nos EUA. §§ Ver Comentários.
CAFÉ SANTOS MERC. – N.YORK US ¢/lb–peso Fontes: Reuters, Fut.Mark.Services	+ 103%	+ 7%	US¢ 155,51 (mai)	– 11% / – 27%	➡	.Possível recrudescimento das compras para consumo imediato. .Novo preço de garantia. .América Central ainda fora do mercado.

*** Valores deflacionados pelo IPA norte–americano, do INTERNATIONAL FINANCIAL STATISTICS – FMI; para os preços futuros, usa–se a média ponderada dos deflatores dos últimos três anos.**

NOTA: Cotações no disponível de açúcar, cacau e café suspensas. Considera-se, então, o futuro 1ª entrega.

PREÇOS NO MERCADO EXTERNO

As informações e perspectivas aqui apresentadas se baseiam em fontes fidedignas e em cuidadosas análises de cada mercado, cujo grau de precisão e integridade, entretanto, o GIA não pode garantir. Nossas opiniões sobre as perspectivas de mercado são, por sua natureza subjetiva, sujeitas a mudança, independentemente da ocorrência de novos fatores ponderáveis. Sugerimos contato com nossos técnicos para qualquer esclarecimento ou troca de opiniões. (ver 1ª contracapa).

PREÇO / PRODUTO	Posição real* um ano antes	Posição nominal um mês antes	Posição da última quinzena	Posição real dos futuros 78 78 78 78 79 79 79 mai jul set nov jan mar mai	Perspectivas dos próximos 30 dias	Fatores Ponderáveis
MILHO TWO YELLOW MERC. – CHICAGO US ¢/bushel Fontes: Reuters, Com. Year Book 77	+ 13%	– 8%	US¢ 236,06	+ 4% + 4%	↗	. Depende de ratificação o *set aside* do milho. . Acompanha progresso da cotação de soja.
SOJA - GRÃO ONE YELLOW MERC. – CHICAGO US ¢/bushel Fontes: Reuters, Com. Year Book 77	+ 31%	– 16%	US¢ 668,72	+ 1% + 1% – 11%	↗	. Cotações já refletem as quebras anunciadas.
SOJA FARELO MERC. – CHICAGO US$/T. *Fontes: Reuters,* Com. Year Book 77	+ 37%	– 15%	US$ 183,50	– 1% – 12%	↗	. Elevado esmagamento nos EUA e acentuado volume de exportações.
TRIGO SOFT RED MERC. – CHICAGO US ¢/bushel Fontes: Reuters, Com. Year Book 77	– 2%	– 7%	US¢ 285,28	+ 1% + 3%	↗	. Alta empurrada pelo mercado de grãos.

* Valores deflacionados pelo IPA norte-americano, do INTERNATIONAL FINANCIAL STATISTICS – FMI; para os preços futuros, usa-se a média ponderada dos deflatores dos últimos três anos.

Panorama Agropecuário

GUIA DE LEITURA
Sugere-se que a leitura obedeça a seguinte ordem:
1º – Posição da última quinzena
2º – Comparação percentual com o passado (Posição de um ano antes e Posição de um mês antes)
3º – Perspectivas dos próximos 30 dias com seus respectivos fatores ponderáveis.

ATÉ: 27 / 3 / 78

PREÇO / PRODUTO	Posição real* um ano antes	Posição real * um mês antes	Posição da última quinzena	Perspectivas dos próximos 30 dias	Fatores Ponderáveis
ALGODÃO Tipo 5–Sul do BR MERC. – SP Cr$/15 kg Fonte: Bolsa de Mercadorias de SP	+ 23%	– 7%	Cr$ 328,43	↗	.Mercado incerto com a recente alta; pode estar refletindo fim do excedente pela quebra de safra. .Possível estocagem especulativa.
ARROZ Amarelão-Est. Cen. MERC. – SP Cr$/sc. 60 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP	– 25%	– 3%	Cr$ 415,00	→	.Presença da safra nova. .Em movimento várias partidas de CFP para o Rio e São Paulo.
CAFÉ Tipo 7/8 MERC. – RJ Cr$/sc 60 kg Fonte: Cent. do Com. de Café do RJ	+ 121%	+ 6%	Cr$ 2.000,00	↗	.Anúncio do novo preço de garantia.
BOI GORDO – MERC. – Pres. Prud. Cr$/arroba Fonte: IEA–SP	– 15%	0%	Cr$ 285,00	→	.Sem alteração.

*** Valores deflacionados pelo IGP, col. 2, CONJUNTURA ECONÔMICA – FGV**

PREÇOS NO MERCADO INTERNO

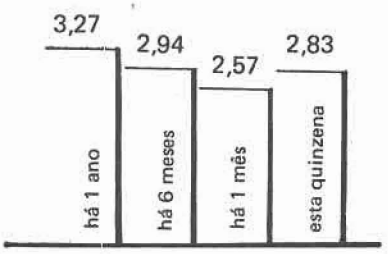
As informações e perspectivas aqui apresentadas se baseiam em fontes fidedignas e em cuidadosas análises de cada mercado, cujo grau de precisão e integridade, entretanto, o GIA não pode garantir. Nossas opiniões sobre as perspectivas de mercado são, por sua natureza subjetiva, sujeitas a mudança, independentemente da ocorrência de novos fatores ponderáveis. Sugerimos contato com nossos técnicos para qualquer esclarecimento ou troca de opiniões. (ver 1ª contracapa).

PREÇO / PRODUTO	Posição real* um ano antes	Posição real* um mês antes	Posição da última quinzena	Perspectivas dos próximos 30 dias	Fatores Ponderáveis
FEIJÃO Preto Comum MERC. – SP Cr$/sc. 60 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP	+ 30%	+ 3,4%	Cr$ 370,00	↗	. Iminência de esgotamento dos estoques oficiais. . Expectativa de reajuste da tabela CIP-Sunab não satisfaz ao setor. §§ Ver Comentários
FRANGO Abatido MERC. – SP Cr$/kg Fonte: APA	+ 1%	– 5%	Cr$ 18,49	↘	. Mercado frouxo. . Preços altos em fevereiro provocaram retração dos consumidores. . Detenção da alta do milho.
MILHO Amarelo Semi-duro MERC. – SP Cr$/60 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP	– 21%	– 6%	Cr$ 119,00	→	. Alta detida pelo anúncio de importações e a entrada de safra.
SOJA-GRÃO Industrial MERC. – SP Cr$/60 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP	+ 25%	– 10%	Cr$ 215,00	↗	. Tendência a acompanhar (e influir) o mercado externo.

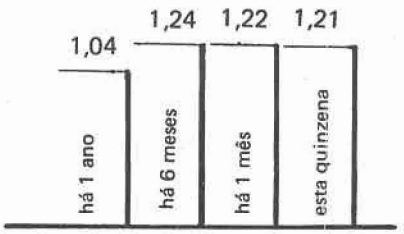
* Valores deflacionados pelo IGP, col. 2, CONJUNTURA ECONÔMICA – FGV

MERCADO EXTERNO

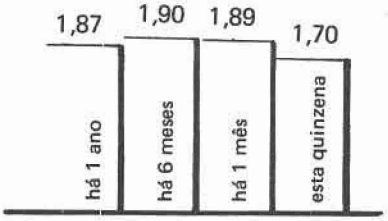
Soja / Milho



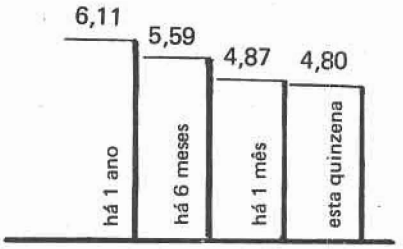
Trigo / Milho



Algodão / Soja



Algodão / Milho



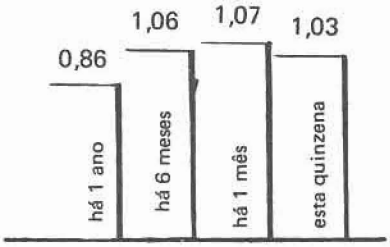
FONTES – Algodão: Reuters, Cotton World Statistics. Soja, Milho e Trigo: Reuters, Commodity Year Book.

NOTAS: A perspectiva de grande redução da safra brasileira de soja, aliada à redução da estimativa do "carry-over" norte-americano da leguminosa, vem assegurando firmeza nas cotações do produto, que tem revelado incrementos de preços superiores aos experimentados pelo milho. Desse quadro resulta a elevação, em relação à quinzena anterior, de 4,8% no preço relativo soja/milho. *** A reversão da tendência de baixa (configurada desde o princípio do ano) dos preços do trigo proporcionou ligeira recuperação do preço relativo trigo/milho, que alcança 1,21 nesta quinzena. *** Na relação de preços algodão/soja, menor em 6,6% que a da última quinzena, continuam a predominar os ganhos maiores das cotações internacionais da soja que, no período, elevaram-se em 11,5%. *** A maior demanda interna e externa pelo milho norte-americano, bem como a redução de safra no Hemisfério Sul concorreram para a elevação de 6% no seu preço, em relação à quinzena última. Os preços do algodão, no mesmo período, valorizaram-se em 3,8%. Dessa forma, o preço relativo algodão/milho atingiu o nível de 4,8, apresentando uma redução de 2% ***

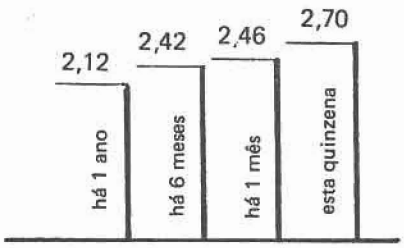
PREÇOS RELATIVOS

MERCADO INTERNO

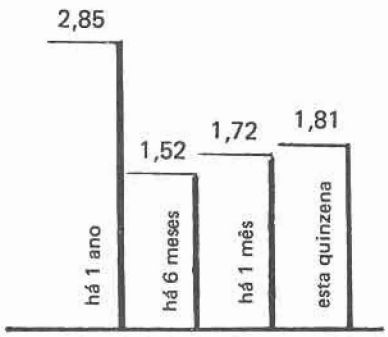
Boi Gordo / Frango Abatido



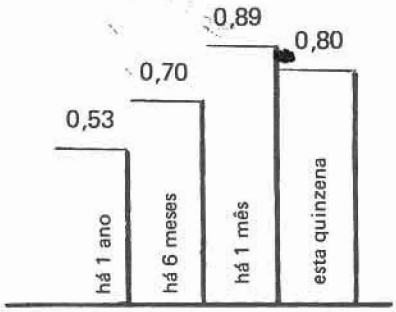
Frango Abatido / Ração Ave Corte



Soja / Milho



Feijão Preto / Feijão a Cores



FONTES – Boi Gordo: IEA-Sec. Agric. SP. Frango Abatido e Ração Ave Corte: IEA-Sec. Agric. SP e APA. Feijão Preto, Feijão a Cores, Soja e Milho: Bolsa de Cereais de SP.

NOTAS: A menor oferta de bovinos para abate, embora estejamos em época de safra, tem mantido estáveis os seus preços nominais. Por outro lado, o desaquecimento da demanda por frango induziu à queda de 3,7% nos seus preços. Desse modo, elevou-se em 4%, nesta quinzena, o preço relativo boi gordo/frango abatido. *** O declínio no preço do frango refletiu-se em queda equivalente nas margens de lucro dos avicultores, uma vez que os preços das rações para frangos de corte permaneceram estáveis. *** No mercado interno, os preços da soja vêm refletindo as conseqüências da seca sobre a safra atualmente em fase de colheita. Em relação à quinzena anterior, o preço da leguminosa elevou-se em 20,1%, determinando um incremento de 16,8% na relação de preços soja/milho. Este, por sua vez, denotou ganho de preço menor, pois a especulação de preços, face à frustração da safra 77/78, tem tido contrapartida nas desovas dos estoques oficiais. *** No mercado paulista, continua a deterioração do preço relativo feijão preto/feijão a cores, face à conjuntura de estabilidade e altas moderadas nos preços dos dois produtos, respectivamente ***

METEOROLOGIA

AGRICULTURA – DEPENDÊNCIA DIRETA DO TEMPO

As informações meteorológicas são de vital importância para a planificação agrícola. Desde o preparo do solo até a colheita, cada operação a ser efetuada pelo agricultor é condicionada pelas manifestações do tempo. A influência dos fenômenos meteorológicos na produção e produtividade agrícola é de tal vulto que o homem concluiu ser necessário o zoneamento ecológico das plantas econômicas para minimizá-la.

A agricultura brasileira, em sua quase-totalidade, é, de certo modo, dependente direta das condições meteorológicas, desde que não existem infra-estruturas (irrigação, drenagem, fenação) passíveis de neutralizar tanto uma seca prolongada como chuvas extemporâneas. É verdade que essas condições não são prevalecentes apenas no Brasil, mas no mundo como um todo. Com raras exceções, especialmente onde existem sistemas artificais de irrigação como nos EUA, Israel, Austrália e outros países desenvolvidos, as adversidades climáticas têm provocado sensíveis quebras de produção na agricultura mundial.

A ATMOSFERA NÃO TEM FRONTEIRAS; NECESSITA DE ESTUDO GLOBAL

Embora sofrendo os prejuízos causados pelas intempéries desde tempos imemoriais, somente há cerca de 100 anos a humanidade sentiu a necessidade de estudar a atmosfera como um todo, com a finalidade de se prognosticar os fenômenos deletérios mais rapidamente e a nível mais seguro de probabilidade. Somente nas últimas décadas, com a instituição dos sistemas mundiais de observação, de telecomunicação, e de processamento de dados, a Organização Meteorológica Mundial (OMM) iniciou a implantação do Programa de Vigilância Meteorológica Mundial.

INMET – AVANÇOS E RECUOS

No Brasil, o recém-criado Instituto Nacional de Meteorologia (ex-Departamento Nacional de Meteorologia) apresentou certos avanços tecnológicos na implantação da infra-estrutura necessária aos estudos das manifestações meteorológicas, nos últimos 10 anos. Foram instaladas 211 novas estações meteorológicas, ampliada a rede de telecomunicações do setor, instalada a rede de "fac-simile", de anemógrafos nas estações, radares de vento, início de experimentos de solarimetria etc.

Essas conquistas, no entanto, podem ser consideradas tímidas em face das dimensões continentais do país e a importância da agricultura para a economia como um todo. O outro ângulo da questão refere-se à permanente sombra da descontinuidade sobre a programação do INMET, que não conta com uma estrutura autônoma para desenvolvimento de suas atividades. Essa não autonomia de movimentos tem sido um dos principais obstáculos ao acompanhamento mais "pari passu" da evolução tecnológica na meteorologia mundial, em termos de modernização de equipamentos, expansão e aprimoramento de seus quadros técnicos.

A partir de 1977, os efeitos da descontinuidade têm sido avassaladores no INMET. Houve a perda de cerca de 300 funcionários; fechamento de 40 estações meteorológicas; continuam sem contratação 57 técnicos selecionados em concurso. A fim de evitar paralisação de atividades vitais, verbas de investimento têm sido utilizadas para a contratação de pessoal. Como conseqüência, todo o esquema de prestação de serviços às coletividades urbana e rural é prejudicado. Para exemplificar, a publicação mensal *Boletim Agroclimatológico* chega aos usuários com o atraso médio de 60 dias.

GARP EM XEQUE

Diante desse quadro, as perspectivas para 1978 são nebulosas, a ponto de pôr em xeque a participação brasileira com todos os seus recursos no Global Atmospheric Research Programme (GARP), organizado pela OMM e pelo Conselho Internacional das Uniões Científicas, com a participação de 147 países, a ser levado a efeito no período de 1/12/78 a 30/11/79.

SEMENTES SELECIONADAS

SAFRA 78/79 – SEMENTES PODEM SER ENTRAVE À EXPANSÃO DA ÁREA DE SOJA

Os números mais recentes, levantados pelas Comissões Estaduais de Sementes e Mudas (CESMs) do Paraná e Rio Grande do Sul sobre a situação da produção de semente de soja, permitem uma visão mais nítida de como se comportará o setor por ocasião das decisões de plantio do sojicultor, a partir de setembro de 1978. Desde já, pode-se prever especulação de preços quanto à semente selecionada, insumo de vital importância para a produção agrícola, não só pelas suas parcas disponibilidades, bem como pela firmeza do mercado internacional, que deve ser a tônica do corrente ano e que, por certo, influenciará os ânimos do produtor no sentido de expandir a área de cultivo da leguminosa na safra 78/79.

DISPONIBILIDADE PARANAENSE 14% MENOR

No Paraná, da previsão inicial de se produzirem 8 milhões de sacas de 50 kg, as estimativas mais atualizadas flutuam em torno de 3,5 milhões de sacas. A abertura recente de inscrição de novos campos possibilitou o acréscimo de 923 mil sacas às 4,8 milhões a que se reduziu o montante inicial, após os efeitos danosos da seca. Assim, as 5,7 milhões de sacas recebidas por empresas e cooperativas deverão se reduzir às mencionadas 3,5 milhões de sacas, após a seleção e benefício, operação geralmente realizada em junho ou julho. Em função da qualidade das sementes recebidas, é provável que, até a época de plantio, haja prejuízos no padrão germinativo, principalmente no Oeste do Paraná, devido às altas temperaturas que prevalecem na região, a menos que sejam estocadas em armazéns com boa ventilação.

Incluindo-se o percentual de 10 a 15% de lavradores paranaenses que se utilizam de sementes próprias, a disponibilidade total de sementes para a próxima safra no Estado corresponderia a uma área de plantio aproximada de 2,2 milhões de hectares, isto é, 14% a menos do que a área explorada em 77/78.

RS – EXCEDENTES PEQUENOS

No Rio Grande do Sul, por sua vez, o balanço mais recente indica uma produção de sementes de soja em torno de 6,5 milhões de sacas de 60 kg, isto é, 500 mil sacas a menos do que a previsão de fevereiro.

Considerando-se o consumo de 90 kg/ha, a disponibilidade gaúcha de semente para 78/79 equivalerá a uma área apenas 8% superior à plantada na safra atual, isto é, apresenta um excedente em torno de 450 mil sacas.

RS + PR – NÚMEROS CRÍTICOS

O caráter crítico desses números se avulta quando se sabe ser o Rio Grande do Sul tradicional exportador de sementes para Santa Catarina e Paraná e este último estado, importador líquido anual de 800 mil sacas de sementes.

COMPRAS ESPECULATIVAS NO RS DEVEM SER CONTROLADAS

Assim, à proporção que a colheita se processa, os problemas relativos às sementes selecionadas de soja vão assumindo cores sombrias. A perspectiva de escassez de sementes no Paraná e outros estados já vem provocando intensos movimentos de compra no Rio Grande do Sul. O resultado dessas compras será o deslocamento e armazenamento do insumo em outros estados, para venda a preços elevados, por ocasião da demanda para plantio.

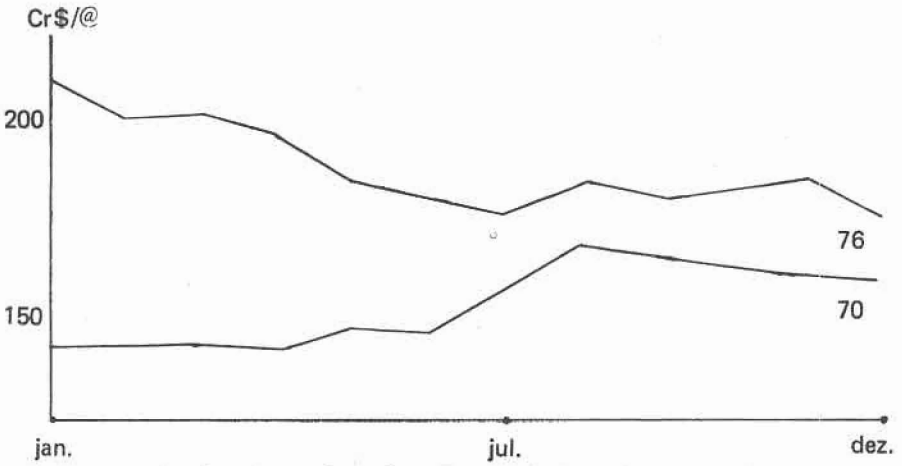
O conhecimento da utilização de expedientes, não previstos em lei, para o deslocamento da semente gaúcha tem provocado medidas das autoridades do estado, no sentido de intensificar o controle das fronteiras a fim de se evitarem não só a fraude do produto bem como a evasão indiscriminada da semente fiscalizada.

Comentários

PECUÁRIA

ESTABILIDADE DE PREÇOS NA SAFRA

A estabilidade de preços a que ora se assiste no mercado bovino não constitui surpresa, uma vez que reinicia-se, este ano, mais uma fase do ciclo pecuário — retenção do rebanho pelo produtor. Se compararmos, em termos reais, as atuais cotações com as de 1970, quando ocorria uma fase semelhante, observaremos que, no período de safra, os preços se mantiveram estáveis. Na entressafra, os preços ascenderam. Na fase contrária, de liquidação de rebanho — caso de 1976 — as cotações se comportavam de forma inversa na safra. O gráfico abaixo, com dados do IEA, ilustra estas duas fases do ciclo pecuário.



SECA E SUBSÍDIO FATORES DE ESTABILIZAÇÃO

O fator seca, retardando a época de maior oferta de bois gordos para o abate, vem reforçar a estabilidade das cotações nos níveis atuais. Outro fator explicativo de sustentação dos preços é a possível concretização do pagamento de Cr$ 2,75/kg como subsídio aos frigoríficos gaúchos para cobrirem despesas de frete. A expectativa de que a medida possa se estender a outras praças pode reforçar o atual quadro. Tal subsídio é reivindicação dos frigoríficos que atuam no Rio Grande do Sul, onde a COBAL pretende efetuar suas compras de estocagem por serem os preços inferiores aos praticados no sudoeste (cerca de Cr$ 8,00/kg contra Cr$ 9,00 — 9,50/kg, respectivamente).

ENTRESSAFRA PROBLEMÁTICA

O maior problema do mercado deverá se refletir nesta entressafra, sobre a qual duas considerações são bastante para delinear um quadro geral: a primeira é a possibilidade de limitação das importações de carne dos países ao sul do continente para o Brasil. Uma produção exportável de 220 mil t do Uruguai, em 77, deixa claro que este país não tem capacidade ilimitada de abastecimento, tendo inclusive compromissos com mercados mais tradicionais. A outra consideração é a insuficiência de estocagem, já muito comentada.

AGROINDÚSTRIA

IMPORTAÇÃO DE PRODUTOS AGROINDUSTRIAIS

No elenco de medidas de política econômica implementadas pelo Governo nos últimos anos, o controle das importações vem recebendo atenção especial por parte das autoridades. Entretanto, em alguns segmentos, a situação permanece merecendo maiores

estudos. Continuamos a importar grande parte de bens agroindustriais que são, muitas vezes, resultado do processamento externo de nossos produtos *in natura*. Os fatores explicativos não se situam no pouco tempo de vida do setor. Na verdade, este foi o primeiro setor a surgir quando da arrancada do "processo de industrialização" nacional.

MODELO NÃO FAVORECE O SETOR

O modelo de desenvolvimento brasileiro adotado não lhe atribuiu a atenção devida. Baseando-se fundamentalmente na dinamização do setor de bens duráveis de consumo e posteriormente no de bens de capital, o modelo econômido concorreu para que o setor agroindustrial se apresente hoje marginalizado.

FATORES EXPLICATIVOS DA BAIXA COMPETITIVIDADE

A grande dificuldade que se coloca ao setor diz respeito a um melhor ajuste das estruturas de oferta e demanda com o setor agropecuário. Assim sendo, o efeito multiplicativo dos investimentos ocorridos tanto num setor quanto no outro se esbarra neste desajuste estrutural. Supostamente, esta é uma das principais razões pelas quais o setor nacional de processamento de produtos agropecuários não consegue competir internamente com os importados.

Outro fator da fraca competitividade do produto nacional seria o baixo nível de produtividade desfrutado pelo setor. Esta deficiência certamente reflete o uso de tecnologia obsoleta, que não favorece a redução dos custos. As oscilações dos preços dos produtos agropecuários — matéria-prima para a agroindústria — são fatores que afetam negativamente o custo dos bens processados, contribuindo, também, para a perda de mercado dos produtos agroindustriais nacionais em favor dos importados.

DIFICULDADE NA EXPORTAÇÃO: O EXEMPLO DOS SOLÚVEIS

Ambas as razões apontadas — baixa produtividade e oscilações dos preços das matérias-primas — são tidas, por outro lado, como objetos de nossa menor capacidade de competição externa com produtos agropecuários transformados industrialmente.

Pelos dados do trabalho do CEI/FGV (46ª sondagem conjuntural) esta deficiência fica bastante clara, ao revelar que o setor agroindustrial vem sofrendo retração na demanda externa desde o terceiro trimestre do ano passado, além de apresentar perspectivas de queda para o primeiro trimestre deste ano. O exemplo do subsetor café e mate solúveis é bastante significativo, porquanto seu crescimento está estritamente vinculado às vendas externas de seus produtos — 80% da produção é exportada. Além disso, é um ramo que vem obtendo crescente participação na pauta de exportação brasileira — em 1966 participou com 18,25 milhões de dólares (deflacionado para 77) e em 1977 com 326,6 milhões. Desde que este subsetor já vem operando com baixa utilização de sua capacidade instalada — 55% no segundo trimestre de 77 e 70% no terceiro trimestre de 77 — as perspectivas de retração da demanda externa estão a sugerir a possibilidade de um aumento indesejável na sua capacidade ociosa.

RELAÇÃO ENTRE OS SETORES CRIA E ECONOMIZA DIVISAS

Faz-se necessário, portanto, que o complexo agropecuária-agroindústria tenha uma perfeita relação de troca no sentido de o desenvolvimento do setor agroindustrial se estender à agricultura que, em contrapartida, ofereceria matéria-prima mais barata e de melhor qualidade. Assim, ambos os setores se veriam incentivados à modernização, e mais do que isso, esta relação permitiria ao setor agroindustrial criar e economizar, ao mesmo tempo, divisas externas através do alargamento dos mercados interno e internacionais.

Comentários

FEIJÃO

ENTRAVES À COMERCIALIZAÇÃO.

Apesar das bem sucedidas investidas oficiais junto à cadeia de comercialização do feijão, persistem alguns entraves ao fluxo normal do produto até o consumidor. A tabela CIP-Sunab, por exemplo, fixando o preço no varejo em Cr$ 7,20/kg, é incompatível com o atual preço mínimo.

NOVA CRISE DE ABASTECIMENTO POSSÍVEL.

O estoque governamental de feijão importado, que vem suprindo o abastecimento ao preço da tabela, via supermercados, já está praticamente esgotado. Pouco se pode esperar, por outro lado, do estoque de feijão paranaense, cujo nível reduzido — 65 mil sacas — é insuficiente para estabilizar o mercado. A medida cogitada para contornar uma possível crise no varejo resume-se ao aumento de 15% da tabela CIP-Sunab, elevando o preço para Cr$ 8,30/kg, patamar ainda insuficiente para cobrir os gastos mínimos.

Tomando por base um preço mínimo de Cr$ 276,00/sc 60 kg, a existência de apenas um intermediário na comercialização (com um lucro de 10%), e as despesas de ICM, Funrural, PIS, frete etc., o preço de varejo deve ser de Cr$ 8,40/kg. Esta é uma avaliação grosseira que, nitidamente, subestima o quadro atual, mormente considerando-se que a cotação do feijão preto comum na Bolsa de Gêneros Alimentícios do Rio de Janeiro já alcançou Cr$ 450,00/sc 60 kg no dia 28/3. Está claro do exemplo que a possível majoração da tabela não atende as necessidades do mercado.

CRISE VERSUS BALANÇO DE PAGAMENTOS.

A impossibilidade futura de a principal rede varejista — os supermercados — abastecer o mercado, devido à limitação da tabela, resultaria numa crise que, sem permitir a exaustão das disponibilidades internas, forçaria a uma importação conjuntural. Esta solução agravaria nosso problema de balanço de pagamentos, tendo em vista os já prejudiciais reflexos da seca sobre o balanço comercial.

Vale a pena assinalar que as restrições de preço ao consumidor tornaram as importações do produto em 77 quase independentes da quantidade produzida internamente, pois, como mostra a tabela abaixo, aquelas se mantêm em nível elevado apesar da recuperação da produção em aproximadamente 25%.

ANO	PRODUÇÃO 1.000t	IMPORTAÇÃO 1.000t
1976	1.842	84
1977	2.327	70

CRISE VERSUS INFLAÇÃO.

Por outro lado, a liberação da tabela não resultaria num aquecimento puramente especulativo do preço — devido à próxima entrada da "safrinha" no mercado, pressionando a imediata desova de estoques — mas certamente levaria a uma alta, cujos reflexos inflacionários no IPA seriam politicamente indesejáveis.

ALTERNATIVA: SUBSÍDIO.

A alternativa de um subsídio direto aos supermercados, a fim de compatibilizar os preços do atacado com o tabelamento em Cr$ 8,30/kg, se não resolve o problema, pelo menos evita uma crise de abastecimento semelhante à ocorrida em 76/77.

Há que ter em mente, contudo, que esta alternativa não pode vigorar indefinidamente. A cultura continua a exigir medidas de longo prazo que eliminem soluções como esta, cuja preocupação é a de corrigir, *a posteriori*, situações conjunturais.

CACAU

REAÇÃO DO MERCADO

Reagindo às correções da propalada grande safra mundial de cacau para 77/78, o mercado de futuros para primeira entrega (maio) alcançou na última quinzena a cotação média de US¢ 154,91/lb - peso. Esta média mostra um patamar somente 26% inferior ao de um ano antes, tendo sido 1977 um período atípico para o preço do cacau pela escassez do produto nos centros produtores.

ESVAZIAMENTO DOS ESTOQUES EM 76/77

O aquecimento das cotações trouxe à tona as preocupações dos grandes processadores de cacau no mundo (EUA e CEE), que durante o ano de 1977 reduziram suas aquisições ao máximo em conseqüência dos altos preços. O esvaziamento dos estoques mundiais de cacau em amêndoas para 76/77 foram da ordem de 91 mil t.

QUANTIDADE E QUALIDADE DO CACAU É MOTIVO DE APREENSÃO

A expectativa era de recomposição dos estoques durante 1978, quando se esperava uma das maiores produções dos últimos anos e conseqüentemente uma normalidade no comportamento dos preços. Porém os atuais níveis revelando uma moderada escassez da matéria-prima deixam apreensivos os industriais de cacau ameaçados de prováveis paralisações extemporâneas dos parques chocolateiros.

Não só o volume de amêndoas a processar preocupa os manufatureiros, mas também a qualidade da matéria-prima. As recentes incursões de indústrias da CEE à zona produtora da Bahia, com o propósito de incentivar os produtores a maiores cuidados com a qualidade do cacau tipo Bahia, mostram o receio dos mesmos com a estagnação do cacau africano. Apesar de a Costa do Marfim estar despontando como o grande produtor da África, com uma produção para 77/78 prevista em torno de 290 mil t, incluindo o cacau contrabandeado de Gana, sabe-se que 15% da sua produção é de cacau de má qualidade.

NOVA ESTRATÉGIA DE MERCADO RECHAÇA ESPECULAÇÕES NORTE-AMERICANAS

Conseqüentemente, a fim de provocar um arrefecimento nas cotações, o USDA divulgou sua previsão no que tange à produção mundial de cacau relativo à safra 77/78, mostrando uma oferta superior em 10% à da safra 76/77.

A medida especulativa lançada pelos norte-americanos provavelmente não trará resultados positivos a longo prazo. No Brasil, numa mudança de estratégia de mercado, os órgãos responsáveis pela comercialização do cacau (estatais e privados) estão exportando o produto em poucas quantidades. Até meados deste mês, foi registrado um volume de vendas de 34.800 t, enquanto em igual período do ano passado as transações acumularam um montante de 61.200 t.

CACAU PODERÁ REPETIR UM BOM DESEM-

Assim, se os países produtores, e principalmente o Brasil, conseguirem manter as cotações na atual trajetória até o princípio de agosto, o cacau poderá minorar o prová-

PENHO

vel baixo desempenho das exportações agrícolas do corrente ano. Nesta época somente o Brasil terá o produto para colocação imediata no mercado externo e suas cotações poderão estar registrando valores em torno de US¢ 200,00/lb - peso.

CEVADA

CONSUMO BRASILEIRO DE CERVEJA CRESCE RAPIDAMENTE

O rápido crescimento da demanda por cerveja, no Brasil, estimado em 25% ao ano, aumentou o consumo *per capita* desta bebida para cerca de 13 litros/ano e levou o Conselho de Desenvolvimento Econômico à aprovação do Programa de Auto-suficiência de Cevada e Malte.

NECESSÁRIA REVISÃO DO PLANO DE AUTO-SUFICIÊNCIA

Ainda não transcorridos dois anos dos estudos desenvolvidos pelo grupo de trabalho responsável pelo Programa, a expansão da demanda obrigou à revisão das metas anteriormente traçadas para a consecução do projeto de auto-abastecimento. Assim é que, em 2/3/78, em reunião patrocinada pelo Ministério da Indústria e do Comércio, em Brasília, o grupo de trabalho apresentou nova proposta, alterando o Programa.

A auto-suficiência, anteriormente prevista para 1984, pode ser antecipada para 1979, em relação à cevada, e para 1981, no caso do malte. Isto se tornou possível, com a aprovação, pelo CDI, de quatro projetos de novas maltarias que, operando a partir de 1979, produzirão, à plena capacidade, 204 mil t, ou 58% da meta estabelecida para 1984.

NÚMEROS AMBICIOSOS NAS NOVAS PROPOSTAS

A nova proposta incorpora valores mais ambiciosos do que os resultantes do primeiro estudo: maltarias com capacidade de processamento para 575 mil t de cevada, armazéns e silos para a estocagem de 748 mil t de cevada e malte e uma produção da gramínea de cerca de 690 mil t/ano. Os números agora ultrapassados eram, respectivamente, 350, 598 e 534 mil t.

CONDIÇÕES DE EXEQUIBILIDADE DO PROJETO

Apesar da grandiosidade das intenções, a exeqüibilidade das proposições estará assegurada mediante a aplicação total de US$ 840 milhões a preços de dez./77. Tal volume de investimentos deverá ser constituído por 86,5% de recursos de crédito (Pronazem, créditos rural e industrial), 12,7% de capitais privados e 0,8% do setor público (pesquisa e assistência técnica da Embrapa e da Embrater). No entanto, o êxito do projeto, dentro do quadriênio previsto, permitirá a economia de US$ 215 milhões em divisas. Já com a implantação das primeiras maltarias, deixaremos de gastar US$ 109 milhões/ano. Atualmente estudadas pelo MIC, algumas alterações deverão ser feitas no projeto, até sua aprovação. Um aporte de recursos através do BNDE será, possivelmente, incorporado à proposta inicial.

Comentários

MERCADO ATUAL NÃO ABSORVE GRANDES PRODUÇÕES DE CEVADA

A concretização do plano significará o início de importante efeito multiplicador, iniciado na expansão dos campos de cultivo da cevada, permitido pela certeza da presença de compradores para uso industrial. Na atual situação, qualquer excedente de produção ao nível da lavoura não encontra saída senão como ração, destino no qual os preços do produto são, no mínimo, 50% inferiores aos pagos pelas cervejarias. Instaladas as maltarias, assistiremos ao vigoroso desenvolvimento de uma nova cultura de inverno, no Sul do país.

Comentários

Também colaboraram neste número os seguintes estagiários:

Irene Freire Raguenet
Sônia Uderman
Lauro Flávio Vieira de Faria
Rogério Carneiro Campello
Pedro Henrique Junqueira Reis
Jorge Batista Torres

Revisão de Originais: Auri da Silva Braga

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS

Entidade de caráter técnico-científico, educativo e filantrópico, instituída em 20 de dezembro de 1944 como pessoa jurídica de direito privado, visando ao estudo dos problemas de organização racional do trabalho, especialmente nos seus aspectos administrativos e social, e à conformidade de seus métodos às condições do meio brasileiro.

Sede: Praia de Botafogo, 190 – Caixa Postal: 9.052 – ZC-02
Tel: 266-1512
CEP: 20.000 – Rio de Janeiro – RJ

CONSELHO DIRETOR
Presidente: Luiz Simões Lopes
Vice-Presidente: Jorge Oscar de Mello Flôres
Membros: Alberto Sá Souza de Brito Pereira, Carlos Medeiros Silva, Eugenio Gudin, José Joaquim de Sá Freire Alvim, Isaac Kerstenetzky e Octávio Gouvêa de Bulhões.

CONSELHO CURADOR
Presidente: Maurício Nabuco
Vice-Presidente: Alberto Pires Amarante
Membros: Aldo Batista Franco, Alzira Vargas do Amaral Peixoto, Antônio Garcia de Miranda Netto, Antônio Ribeiro França Filho, Apolônio Jorge de Faria Salles, Celso Timponi, Cesar Reis de Cantanhede e Almeida. Estado de São Paulo – representado por: Murilo Macedo, Francisco Montojos, Heitor Campello Duarte, Henrique Domingos Ribeiro Barbosa, João Carlos Vital, Joaquim Bertino de Moraes Carvalho, José de Nazaré Teixeira Dias, Moacyr Velloso Cardoso de Oliveira, Paulo de Tarso Leal, Rafael da Silva Xavier, Rubens D'Almada Horta Porto e Theodoro Arthou.

Presidente: Luiz Simões Lopes
Superintendente Geral: Roberto Hermeto Corrêa da Costa

INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA

COMISSÃO DIRETORA
Presidente: Octávio Gouvêa de Bulhões
Membros: Eugenio Gudin, Angelo Jorge de Souza, Janes Angelo de Souza, Julian Magalhães Chacel e Mário Henrique Simonsen.
Assessor de Direção: Jorge Kingston

DEPARTAMENTO DE ENSINO
Diretor da Escola de Pós-Graduação em Economia: Carlos Geraldo Langoni

DEPARTAMENTO DE ESTUDOS E PESQUISAS
Diretor: Julian Magalhães Chacel

Divisão de Contabilidade Social
Diretor: Angelo Jorge de Souza
Centro de Contas Nacionais – Ralph Miguel Zerkowski
Centro de Estudos Fiscais – Margaret Hanson Costa
Centro de Estudos Industriais – Eden Gonçalves de Oliveira

Divisão de Estatística e Econometria
Diretor: Janes Angelo de Souza
Centro de Estudos Agrícolas – Silvio Wanick Ribeiro
Centro de Estatística Econômica – Roberto Maia de C. Abib
Centro de Processamento de Dados – Eugenio Decourt

Não sendo encontrado o destinatário, devolver ao
GRUPO DE INFORMAÇÃO AGRÍCOLA
FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
Av. Gomes Freire, 647 — 10º andar
ZC-58 - RIO DE JANEIRO - RJ - BRASIL